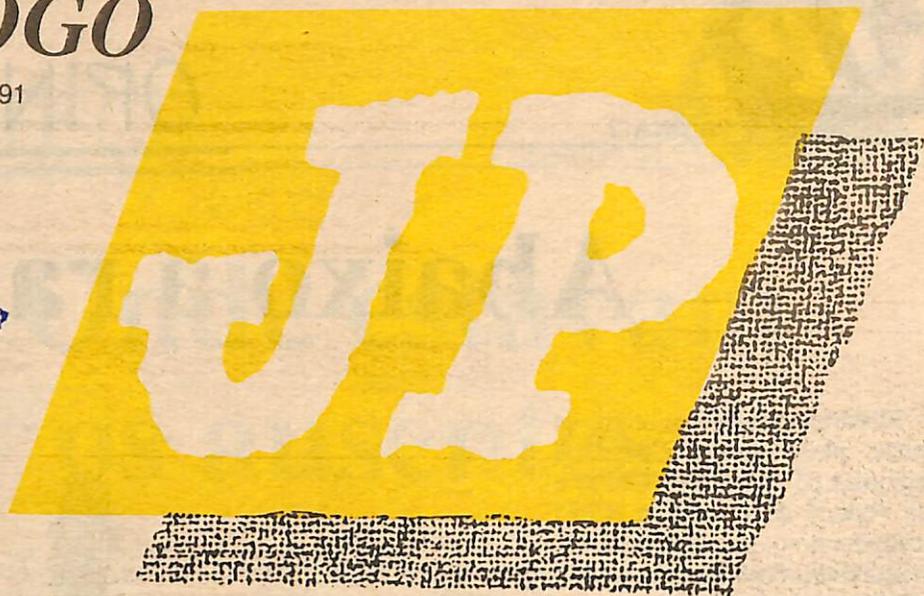


JORNAL DO PSICÓLOGO

BELO HORIZONTE, ANO 9, Nº 34, OUTUBRO / NOVEMBRO 1991

JP-020-301



6º PLENÁRIO
CRP-04

CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
4ª REGIAO



ACONTECE

Psicólogos, ausências e ética

Página 3

DEBATE

Municipalização na saúde é o caminho

Páginas 6 e 7

REFERÊNCIAS

O trabalho do Centro Mineiro de Toxicomania

Página 11

AGENDA

Aperfeiçoamento e cursos no exterior

Página 8

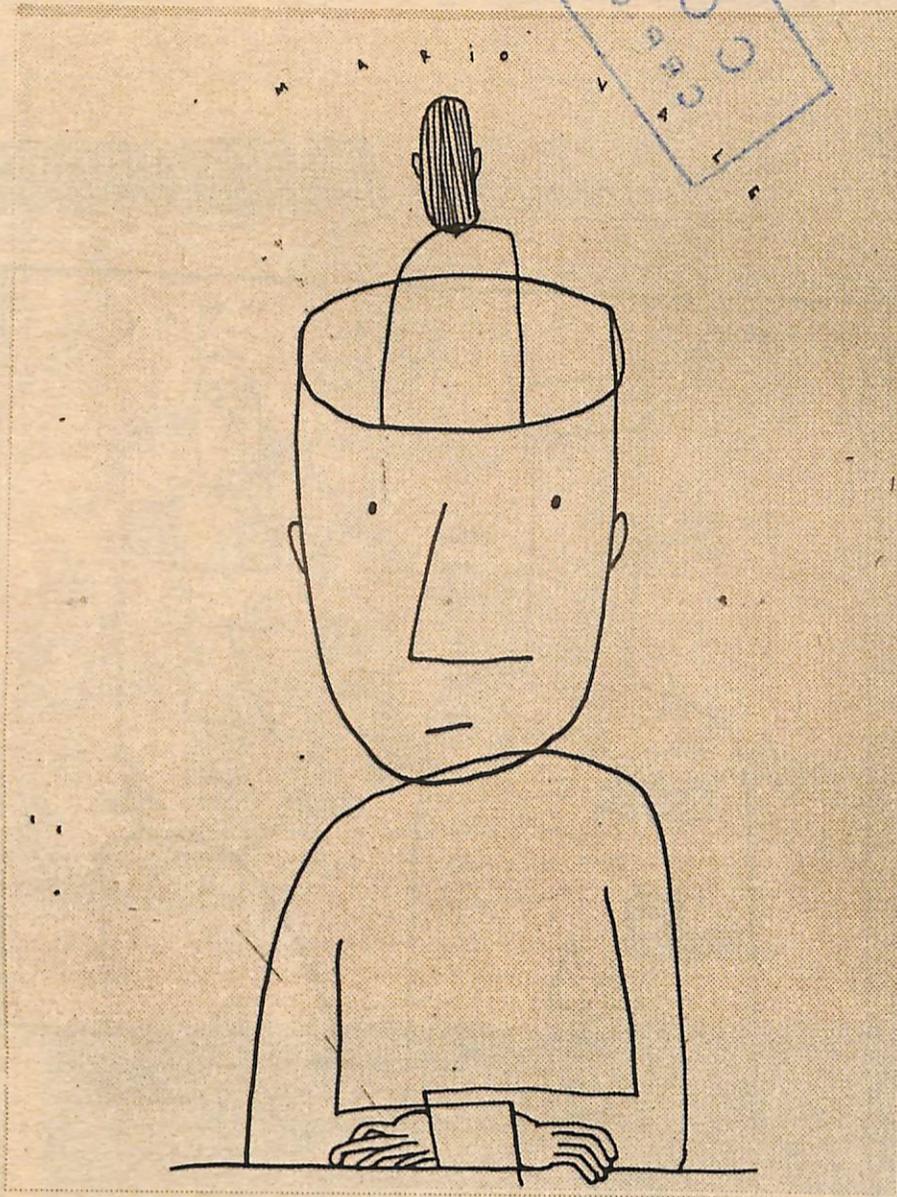
Abaixo a razão cínica

O 6º Plenário juntamente com os demais plenários dos Conselhos Regionais de Psicologia (CRPs) e Conselho Federal de Psicologia (CFP) vem discutindo, desde setembro de 1989, a função social dos conselhos. Estas discussões foram igualmente abordadas na Semana do Psicólogo que, além de ter analisado a atuação do psicólogo, procurou levantar quais os temas e questões de maior interesse para cada setor.

O objetivo desse 6º Plenário tem sido descentralizar suas ações haja vista os eventos promovidos nos escritórios setoriais - II Congresso de Psicologia, em Vitória; debates em Uberaba e Alfenas - além de promover ações que propiciem a discussão, o encontro e a organização dos psicólogos e profissionais de áreas afins. Um exemplo disso pode ser visto no 4º Encontro de Psicólogos Educacionais e 1º Encontro Municipal de Psicologia Educacional de Contagem, que reuniu mais de 150 profissionais.

Faz-se necessário lembrar que este Conselho, ao longo de cinco anos, tem participado de maneira efetiva na luta pela implantação e organização da Reforma Sanitária no Brasil, seja no trabalho em prol da abertura de mercado para a categoria, seja na atuação conjunta com as demais categorias profissionais visando a melhoria da qualidade de vida da população (dentro do conceito amplo de saúde).

Mesmo já tendo uma expressiva participação, acreditamos que devemos



ampliar nosso horizonte para que a função efetiva do Conselho seja cumprida: presença nas lutas maiores da sociedade brasileira, devendo, junto com os demais setores organizados, influenciar nos rumos tanto de políticas amplas como específicas.

Por políticas amplas consideramos, por exemplo, nossa participação na luta contra a aprovação do que convencionou-se chamar de "Emendão", enviado pelo presidente Fernando Collor ao Congresso Nacional. Nossa luta se justifica pelo que o "Emendão" desgasta, em termos de saúde mental, a população brasileira. Somos, hoje, uma população temerosa e, em muitos casos, apavorada, diante de "mudanças" propostas pelo governo em itens como a aposentadoria para o servidor público e "autonomia" para as universidades federais.

Por políticas específicas, queremos nos referir a projetos de lei como o do deputado Paulo Delgado (PT-MG) ou a implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente. Ambas matérias que, se pretendermos vê-las sendo colocadas em prática, vamos precisar arregaçar as mangas e ir à luta.

Para nós, o Conselho de Psicologia só adquirirá nova dimensão a partir da percepção, por parte de todos, de que estas questões nos atingem enquanto pessoas, profissionais e cidadãos. A omissão significa coonestar esta situação, reforçando o egoísmo e a perplexidade que nos tem levado a uma razão cínica, típica dos tempos modernos.

JORNAL DO PSICÓLOGO

Órgão Oficial do Conselho Regional de Psicologia - 4ª Região (MG/ES).

Rua Tomé de Souza, 860 - 10º andar - Savassi
CEP 30130 - Belo Horizonte - MG
Fones: (031)273-1146 e 273-5718.
Tele x: (031)392882

DIRETORIA -

Marta Elizabeth de Souza (presidente), Vera Lúcia Dias (vice-presidente), Maria de Fátima Pio Casseiro (tesoureira), Rita de Cássia Siqueira Dias (secretária).

6º PLENÁRIO - Conselheiros:

Bianca Guimarães Veloso Carneiro, Gisele Onete Marani Bahia, Kátia França Ribeiro de Almeida (EES), Lúcia Helena

Macedo, Maria de Fátima Pio Casseiro, Rita de Cássia Siqueira Dias, Rosana Simone Bottaro, Vera Lúcia Dias (ETM), Luís Cláudio Alves (ESM), Marta Elizabeth de Souza.

Representante junto ao CFP - José Estanislau Vilela.

Jornalista Responsável:

Ângela Carrato - 2.276/MG;

Fotografias: Harley Carneiro

Ilustrações: Mário Vale

Diagramação: Cláudia Barcellos

Tiragem: 9.500 exemplares.

As matérias assinadas são de responsabilidade de seus autores.

Comissão de pauta: 6º plenário.

NOTAS / NOTAS / NOTAS / NOTAS / NOTAS

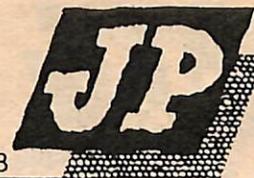
ERRAMOS I - No último JP (nº33) na matéria "Da Crítica à Reinvenção: a função dos Conselhos em debate" ocorreram equívocos na comunicação do meu discurso e gostaria que fossem explicitados. Houve erro na minha apresentação: não sou vice-presidente do CFP e sim membro da Câmara de Divulgação e Relações Externas do CFP. Não expressei que "centenas" de psicólogos lutaram ao longo de décadas (de 1962 para cá) e sim "alguns" psicólogos lutaram... O título para o ditador Médico é de "Psicólogo Honorário" e não "Cidadão Honorário", que só parlamentares podem conferir. O uso do termo "leviana" não é do meu discurso, sempre uso e usei na entrevista o termo "inconsequência política". Acertadamente, a palavra do título da matéria e no final: "reinventar" os conselhos é exatamente a minha posição para a política de conselhos, pois precisamos desconstruir e construir estas instituições com dinamismo e com maior rapidez, mais do que o modo que está sendo feito atualmente.

No box "Entidades precisam ter autonomia para funcionar" é só retirar o meu nome e colocar de outro colega conselheiro do CFP que participou do Seminário no Senado Federal, em Brasília (e não no

Congresso Nacional), que é o psicólogo bahiano Antônio Marcos Chaves, chefe do Departamento de Psicologia da UFBA.

Agradeço e ressalto que este tipo de debate com participação da categoria é importante, pois foi uma das decisões do nosso Congresso Nacional, em 1989, onde estabelecemos que o debate deveria ir para os jornais, seminários, os plenários, para toda a categoria dos psicólogos. E esta publicação feita pelo JP é ação fruto da reflexão realizada a todo momento pelos dirigentes dos conselhos de psicologia em geral. Assinado - José Estanislau Vilela Contagem/MG.

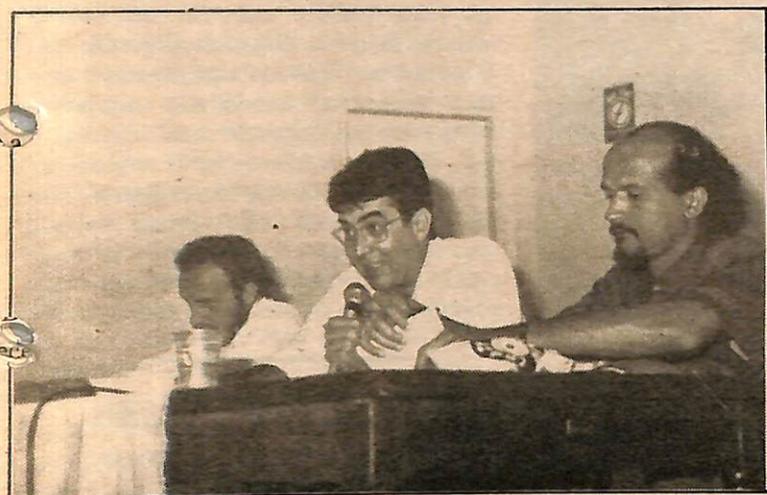
ERRAMOS II - No número passado do JP, na página 4, saiu publicado que, de um total de 36 hospitais - 31 conveniados e 5 públicos -, apenas três são destinados à internação de pacientes "crônicos". Na realidade, o número três não deveria ter sido antecedido do apenas, pois a luta dos psicólogos vem sendo no sentido de reforçar as propostas de desospitalização, através de modalidades intermediárias como ambulatórios especializados, pensões protegidas e oficinas de trabalho.



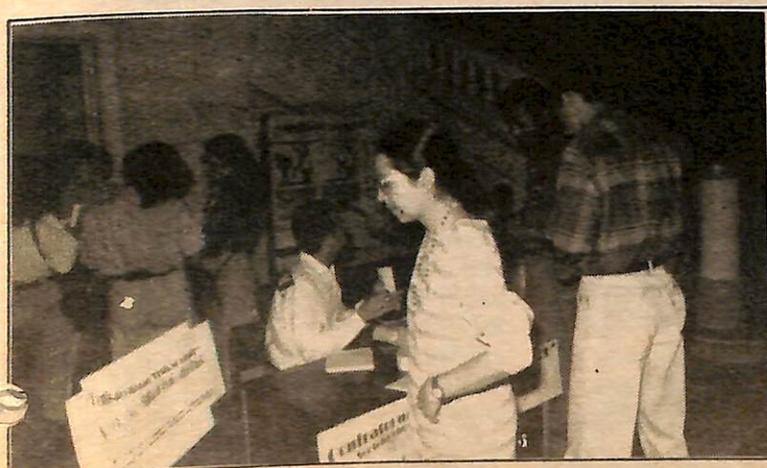
Chain e Marta na conferência sobre "Ética"



Cristina Fellet fala sobre Psicologia Educacional



Ivan Domingues no debate em Alfenas



Muitos estudantes estiveram presentes

Onde estavam os ausentes ?

A Semana do Psicólogo, que aconteceu de 26 a 30 de agosto, promovido pelo Conselho Regional de Psicologia (CRP) - 4ª Região, com o apoio do Sindicato dos Psicólogos de Minas Gerais, conseguiu não só mobilizar a categoria como despertar interesse entre os estudantes.

Durante cinco noites, aproximadamente 120 pessoas compareceram ao auditório do Instituto de Educação para assistir a conferências seguidas de debates sobre os temas "O Psicólogo na Saúde Pública", "O Futuro da Psicologia Organizacional", "Repensando o Psicodiagnóstico" e "Psicologia: Algumas Questões Sobre a Ética".

Entre os expositores estavam psicólogos que atuam em Minas Gerais e também nomes de fora, a exemplo da gaúcha Carmem Sil

veira de Oliveira e do mineiro radicado no Rio de Janeiro, Chain Samuel Katz. Todas as conferências foram marcadas por conteúdos inovadores, mas a de Chain distinguiu-se pelo que ele próprio denominou de constatação - provocação: não há ética que não passe pelo envolvimento, pela participação de todos na construção da mudança.

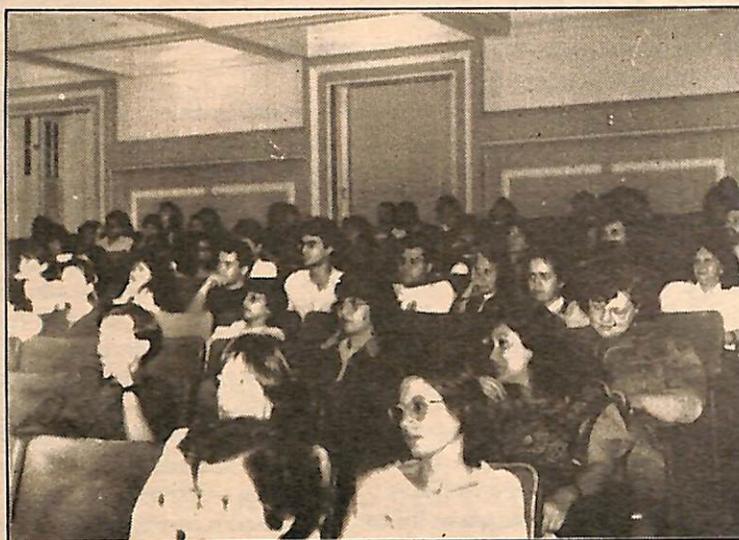
Apesar da direção do CRP-04 ter avaliado a semana como sendo "dentro das expectativas", Chain Katz foi mais incisivo. "A presença de cento e poucas pessoas de uma categoria que, em Minas, reúne mais de 9.500 inscritos é insuficiente. Temos que, antes de mais nada, nos perguntarmos onde estão os ausentes", assinalou, preocupado com o que classifica de "esvaziamento da Psicologia no país".

A Semana do Psicólogo teve como encerramento de suas comemorações em Belo Horizonte, uma festa no Cabaré Mineiro animada pela Banda Yersterdays. Dessa vez, os escritórios setoriais participaram ativamente e com programação própria. Em Alfenas (Escritório Sul), aconteceram três palestras. Em Governador Valadares, a Semana foi comemorada com o lançamento da Comissão Pró-Associação dos Psicólogos local e com um encontro de profissionais e alunos do curso de Psicologia da Univale. Já no Escritório do Triângulo (Uberaba), a discussão girou em torno da Função Social dos Conselhos. O II Congresso de Psicologia, com o tema "A Psicanálise e a Instituição Pública", marcou as comemorações da semana em Vitória (ES).

Avaliação: "bom"

Das 120 pessoas que participaram, diariamente, das comemorações da Semana do Psicólogo, 62 responderam ao questionário elaborado pelo CRP-04, cujo objetivo era ter uma avaliação do evento e reunir sugestões para programações futuras. O questionário, bastante simples, era composto de quatro perguntas (múltipla-escolha) e de uma questão aberta (destinada a sugestões).

Quarenta pessoas classificaram os debates de "bons", sete os con-



Um público interessado acompanhou toda a programação

sideraram "ótimos", 11 "regulares", um os definiu como "nada tendo acrescentado" e três não responderam a esse item.

Quanto ao horário para a realização de eventos, a maioria esmagadora considerou a noite "melhor" - 58 pessoas - contra quatro que optaram pela tarde. A escolha do auditório do Instituto de Educação foi considerada "acertada" por 59 pessoas, contra apenas três que apontaram outras soluções, a exemplo do auditório

do BDMG, da reitoria da UFMG e da Associação Médica.

As sugestões mais presentes nesses questionários se referem à necessidade de que debates sobre assuntos ligados à Psicologia aconteçam com mais frequência e não se restrinjam às comemorações da semana da categoria. Mais ainda: parcela significativa dos que responderam ao questionário sugere a realização de palestras mensais, a abertura de espaços para os estudantes e maior integração com as universidades.

Pivete Moleque Menino Criança

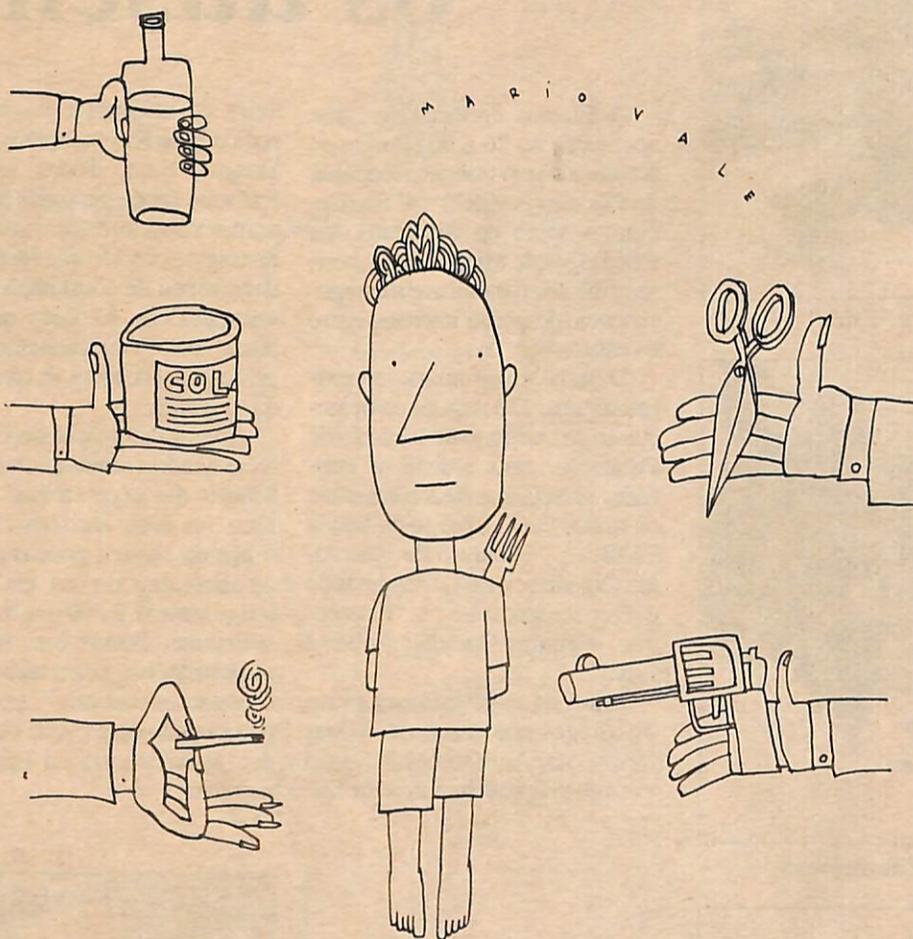
O Brasil lida muito mal com os problemas sociais. Foi o último país da América Latina a criar uma universidade e atualmente ocupa o vergonhoso lugar de 88º no mundo em termos de investimento em educação. O salário mínimo mensal - que nem chega a US\$ 50 -, deveria cobrir as despesas de uma família com quatro pessoas. As consequências desse quadro são conhecidas: fome, pobreza, doença, analfabetismo e falta de perspectivas para milhões de pessoas.

As crianças e adolescentes têm se mostrado as vítimas diretas dessa situação perversa na medida em que sofrem as consequências. Os baixíssimos salários pagos ao trabalhador vão se refletir no semi-abandono que acaba tendo que imprimir aos seus filhos. O déficit habitacional e a falta de uma política de habitação capaz de atender às camadas mais pobres joga, literalmente nas ruas, milhares de famílias. Já se foi o tempo em que o temor dos pobres era morar numa favela. A injustiça social é tamanha que uma "nova classe" foi instituída: os mais pobres dentre os mais pobres. Aqueles que não conseguem nem o mínimo para construir ou pagar o aluguel de um barraco dependurado num morro.

Há dois meses, no entanto, as autoridades mineiras - começando pelo governador Hélio Garcia - parecem ter se esquecido de toda essa problemática, voltando a tratar a questão social como "caso de polícia". Numa operação em que nada deve às realizadas durante a Primeira República e momentos mais obscurantistas de nossa história, centenas de "pivetes" foram "retirados" das ruas do centro de Belo Horizonte, a fim de garantir "tranquilidade" para a população.

Se os "pivetes" (denominação que, no fundo, acaba encobrindo o que realmente são: crianças e adolescentes carenciados) eram acusados de furtos e violência contra os transeuntes, violência maior foi empregada em nome da "restauração da tranquilidade". Policiais não pouparam agressões contra essas crianças à menor reação esboçada por elas. Os desmentidos da polícia acabaram caindo por terra quando a televisão mostrou as marcas de espancamento sofrido por um missionário estrangeiro que reagiu à prisão ao ser confundido com um menino de rua.

O episódio, que gerou um conflito diplomático - foram exigidas das autoridades brasileiras explicações - acabou servindo para refrear a violência e a visão estreita com a qual um problema social estava sendo tratado. Aos protestos do governo exterior se somaram os de várias entidades brasileiras comprometidas com a luta em defesa dos direitos das crianças e



adolescentes, a começar pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Todos esses protestos contribuíram para que aquela violência contra os "pivetes" desse lugar a uma ampla discussão envolvendo, dessa vez, não só o governo, mas a própria sociedade. Subsidiando esta discussão se encontra uma pesquisa realizada pela Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG. Um universo de 256 pessoas foi entrevistado, sendo que desse total, 51% apontou os menores de rua como sendo o maior problema de Belo Horizonte. Em seguida, vem a assistência médica com 6% e, empatados em terceiro lugar com 3%, os problemas de trânsito, fome, pobreza e educação.

Policiais não pouparam agressões contra as crianças de rua

Essas mesmas pessoas, quando questionadas sobre a causa desses problemas, apontaram "a falta de atuação do governo, dos órgãos encarregados de assistência e da própria sociedade", numa demonstração de que também começam a se penitenciar e deixam a posição cômoda de cruzar os braços e aguardar que o governo resolva

tudo. Outra prova de que a maioria da população começa a mudar sua mentalidade é que das 256 pessoas ouvidas, 57% se posicionaram contra a prisão dos meninos de rua, 40% foram a favor e 3% não têm opinião formada.

Oficialmente nada se comentou, mas sabe-se que esse resultado acabou funcionando como uma ducha de água fria para a polícia e o próprio governador Hélio Garcia. Até então, ele se vangloriava de estar colocando em prática uma medida que contava com o apoio irrestrito da maioria da população.

Outra pesquisa, bem mais abrangente, dessa vez realizada por uma equipe de médicos e cientistas sociais, sob a coordenação do Setor de Doenças Infecto-Parasitárias da Faculdade de Medicina da UFMG, revela uma situação no mínimo alarmante. Ela faz parte de um projeto que tem a participação da John Hopkins University e do Instituto Nacional de Saúde Mental dos Estados Unidos e seu objetivo é estudar e prevenir a incidência da Aids em menores.

Foram ouvidas, em dezembro de 1990, 441 crianças adolescentes de rua em Belo Horizonte - entre 9 e 18 anos -, quase o universo que se estima que perambule pelo centro e periferia da cidade. Desses que vivem diretamente na rua, 86% consomem álcool, 80% cheiram cola, 44% tomam xarope, 66% fumam maconha, 32% fazem

uso de "bolinha" e 11% de cocaína. Do universo total, 91% das meninas e 87% dos meninos têm vida sexual e, destes, 62% das meninas e 18% dos meninos já fizeram sexo com adultos masculinos e 48% dos meninos e 0,6% das meninas com adultos femininos.

Esses meninos e meninas, como demonstra a pesquisa, são apenas a parte visível de um mundo onde impera a fome, miséria, doença, laços de família desfeitos, carência afetiva, roubo, violência e, como em grande parte da sociedade, ignorância a respeito das doenças sexualmente transmissíveis e de processos anticoncepcionais.

Falta a essas crianças e adolescentes um mínimo de orientação e perspectiva para a vida. Vale dizer: ao invés de mandar a polícia, governo e sociedade contribuiriam muito mais para o bem-estar dessas crianças e para o seu próprio bem-estar, se investissem em educação, saúde e profissionalização para um contingente que, hoje no Brasil, soma mais de 5 milhões de pessoas.

Não basta, por mais sério que seja, o mero diagnóstico. É preciso que se aja e com rapidez. Motivo pelo qual as entidades que lutam pelos direitos dos meninos e meninas de rua no Brasil divulgaram, em 10 de outubro - Dia da Criança - um manifesto conclamando a todos a se engajarem na luta para que a situação atual seja revertida. O governo federal, pelo menos em termos de proposta, vem se mostrando bem mais sensibilizado pela questão do que seus antecessores. Prova disso é que foi criado um Ministério da Criança e o assunto passou a frequentar o discurso oficial.

Esses meninos são a parte mais visível de um mundo de miséria

Mais ainda: o governo federal, no orçamento da União para 1992, priorizou a construção dos Ciacs, uma espécie de versão nacional dos Cieps cariocas, colocados em prática durante a primeira administração de Leonel Brizola, no Rio de Janeiro. A gravidade da situação de milhares de meninos e meninas de rua fez com que até mesmo um crítico ferrenho da administração collorida - como é o senador Darcy Ribeiro (PDT-RJ) - viesse a público para defender o projeto dos Ciacs contra o que denomina de "conluio de jornalistas bisinhos, de demagogos políticos e de pedagogos vadios".

Os Cieps e Ciacs são escolas projetadas

para, através de um ensino de dia completo, ministrar cinco anos de educação básica eficaz às crianças, a fim de que elas aprendam a ler, escrever e contar. "Nada mais profissionalizante do que isso", enfatiza o senador pedetista, acrescentando que esse é o mínimo que uma pessoa necessita para o desempenho de qualquer profissão, além de ser indispensável para integrá-la numa civilização letrada. "Quem não alcança esse domínio está condenado à marginalidade", sentencia.

O Estatuto da Criança não pode ficar só no papel

Somando-se à iniciativa oficial, é preciso que a sociedade dê sua colaboração. Isso significa que entidades tão diversas como Associação Comercial, Clube dos Diretores Lojistas, União dos Varejistas, sindicatos patronais e de trabalhadores, as mais diversas categorias profissionais e associações de moradores precisam se engajar nesta luta. A Prefeitura de Belo Horizonte, por exemplo, está colocando em prática um projeto que pode se repetir em diversos outros locais. Funciona no campo do Lazer (ex-campo do Atlético) oficinas de bonecos, teatro, música e máscaras que atende diariamente a mais de 100 crianças de rua, que lá encontram uma opção de divertimento e aprendizagem.

Como assinala o presidente do Centro Brasileiro para a Infância e o Adolescência (CBIA), Antônio Gomes da Costa, toda contribuição que vise o desenvolvimento dessas crianças é bem vinda. Há quase duas décadas ele é um defensor incansável dos direitos das crianças adolescentes carentes e chegou a esse cargo após trabalhos elogiados até por instituições internacionais na Febem-MG, onde foi presidente, e no Unicef. Ao contrário do pessimismo que uma problemática tão complexa e ampla possa despertar, Antônio Carlos mostra entusiasmo com os desafios que têm pela frente.

"O Estatuto da Criança e do Adolescente fez uma verdadeira revolução em nossa legislação", enfatiza, "lembrando que ele é uma verdadeira Constituição para as crianças". Cabe a todos nós, no entanto, impedir que essa Constituição permaneça no papel. Afinal, como lembra o próprio presidente do CBIA é muito fácil dizer que os meninos de rua são violentos, mas violência maior lhes é infringida pela própria sociedade ao privá-los do que há de mais elementar.



"Recreação" para centenas de meninos carentes: banho nos jardins públicos



A prisão sob muitos olhares coniventes



Estudo e brincadeira no Campo do Lazer

PRENSA

Rapunzéis de todo o mundo, uní-vos

Manoel de Almeida Neto *
Sociólogo

Enquanto lá do outro lado do mundo estão varrendo o comunismo e a mídia adora "varrer" - aqui, uma onda de neurose coletiva, digna de um país surreal, varre a cidade. A nossa economia de mercado só não contava com esses andarilhos abandonados que teimam em perambular pela cidade, como zumbis-selvagens. Muito menos se previa que no mercado haveria gente que comprasse cabelo. Pra falar a verdade, nada se previa.

Rapunzéis já não podem mais mostrar as tranças em épocas de navalha. É o realismo social expresso nessa metáfora das meninas de cabelo bom correndo dos meninos de cabelo ruim. O bom versus o ruim, o bem versus o mal, a saúde versus o câncer.

Mas a moda é varrer. E tome vassoura. Começaram pelos andarilhos - esses anjos negros abortados da miséria e que povoam os pesadelos dos habitantes da cidade. "Temos que livrar a sociedade dos meninos infratores" disse o secretário da Segurança Pública de Minas Gerais, José Resende. "Não podemos deixar a sociedade desamparada", completou o governador Hélio Garcia. Bons homens esses, preocupados com a minha, a sua, enfim, a nossa segurança, caro leitor. A sociedade, de quem eles tanto falaram é, para quem não sabe, uma coisa amorfa, mas sólida, que une a Lúcia Pacifico Homem, presidente da Associação das Dona-de-Casa - e que aprova prisão de meninos -, a mim e a você.

Mas não podemos reclamar: o governador, o secretário e o juiz pensaram tanto nela como em nós quando decidiram, em reunião de cúpula, varrer menino. E em nome da nossa segurança, passaram a vassoura em porta de escola e de loja, ponto de ônibus, embaixo de viaduto - e levaram tudo o que era sujo, no critério da Sociedade, que eles estavam defen-

por favor, me explica o que esse homem disse, porque a minha lógica não dá conta: o que me separa das crianças - logo eu, esse maior abandonado? Pensei bem e depois disso tudo, decidi jogar fora a carteirainha desse clube Sociedade, que nem pede exame de caráter pra entrar na piscina.

Mas não havia Sonrisal que me curasse dessa azia e desse mal-estar social. E quando eu já estava me acostumando com a dor, eis que me aparece de novo, na televisão, o Danilo, acuado coitado, dizendo: "a minha tarefa é a de atender a finalidade social". Fiquei agradecido e reconfortado. Pelo menos desta vez ele não me pôs do lado da Anna Marina, pra justificar os seus atos. E foi a primeira vez que eu entendi o que ele estava querendo dizer na verdade. Relembrei as minhas aulas de Ciências Política, quando li Maquiavel, e as minhas aulas de História, quando estudei o stalinismo. Era isso! O Danilo, com o apoio do Hélio, do Zé Resende, da Lúcia e da Anna Marina, estava pregando a máxima do filósofo italiano, tão bem executada na prática pelo ditador soviético: os fins justificam os meios. Mas a minha equação final ficou mais complicada. O magistrado, imbuído de toda a sua autoridade, estava justificando os seus atos pelos mesmos princípios do Stalin - uma das últimas vítimas dela, a vassoura.

endo. E varreram os meninos por mim, que pago imposto e sustento o salário dos comandantes e dos comandados. E varreram até o filho da minha faxineira, que varre não só a minha casa, mas a de várias donas-de-casa. E me peguei pagando pra varrer o filho de quem varre por mim - essa equação absurda que mesmo me esforçando, não consigo resolver. Também não há nada que me faça entender a lógica do juiz Danilo Alves da Costa, que pra justificar a sua atitude de ordenar o "arrastão", disse: "o bem comum não é só para crianças, mas também para a sociedade". E olha ela aí, de novo, maldita, me colocando ao lado de gente que eu nem conheço. Alguém,

(* Artigo publicado no jornal "Sábado"
Obs: Anna Marina é editora do cad. feminino do "Estado de Minas"

IX Conferência de Saúde:

A IX Conferência Nacional de Saúde prevista para acontecer em Brasília, de 9 a 13 de dezembro, deverá reunir mais de 5 mil pessoas. Eles vão discutir e tomar decisões sobre as questões ligadas à saúde dos brasileiros e os procedimentos para consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS), já consagrado na Constituição de 1988 e em fase de implantação.

A data prevista inicialmente para a realização da IX Conferência era de 18 a 22 de novembro, mas o adiamento aconteceu a fim de que os estados e municípios tivessem oportunidade de realizar eventos semelhantes e consolidar suas conclusões e sugestões. Nos últimos dias de outubro, no entanto, o ministro da Saúde, Alcení Guerra deu início a um processo de tentar transferir para o próximo ano esta conferência. Até o fechamento desta edição, a disposição do ministro se mantinha inalterada, mas as diversas entidades que vão participar do evento insistem, que ele aconteça em dezembro.

“É fundamental realizarmos esta conferência agora, pois trata-se do momento para garantirmos os avanços, mesmo que tímidos ainda, que conquistamos durante a elaboração da nova Constituição do país”, afirma a psicóloga Carmem Oliveira Silveira, membro da Câmara de Educação, Saúde e Trabalho do Conselho Federal de Psicologia (CFP).

A preocupação de Carmem e de diversos representantes tanto de profissionais quanto de usuários se justifica na medida em que o projeto neo-liberal do governo Collor poderá introduzir distorções na operacionalização do Sistema Único de Saúde (SUS). Razão pela qual tudo indica que a IX Conferência de Saúde será um palco de confrontos entre os que defendem o retrocesso e os que reivindicam um avanço na atual política.

A expectativa dos setores progressistas é de que o SUS seja ratificado e o processo de democratização do setor da Saúde e de suas formas de financiamento aprimorem-se. Até porque, de nada adianta propostas generosas se não houver financiamento capaz de levá-las adiante.



Filas. Filas e mais filas. Uma triste realidade que precisa urgentemente ter fim

A IX Conferência Nacional de Saúde é lei. A lei nº 8.142, que regulamenta a Constituição Federal em matéria de Saúde, garante a sua realização e respalda suas decisões. Ela será, como as anteriores, o maior fórum de discussão da política de saúde que se deseja para o país.

Em 1986, quando da realização da VIII Conferência, ela mobilizou a sociedade civil e os órgãos de governo e acionou o Congresso Nacional para a inserção de muitas de suas conclusões no processo constituinte. Daí nasceu a fórmula que garante a racionalidade e democratização real da saúde no Brasil: o Sistema Único de Saúde (SUS), consagrado na Constituição de 88.

Ao contrário do que alguns possam imaginar, a idéia do SUS e o slogan da IX Conferência - “A Municipalização é o Caminho” - nada têm de absolutamente novo e recente na história brasileira. Suas raízes são antigas e seu desenvolvimento tortuoso.

Nos idos de 1960, por ocasião da III CNS, a municipalização já se apresentava como um projeto a ser trabalhado. Ela se contrapunha à existência de serviços de diferentes esferas governamentais, em geral desarticuladas, sem planejamento para as condições locais e, muitas vezes, com superposição de ações ineficientes. O movimento de março de 1964 deu início a um longo período autoritário na vida brasileira e, nele, a concepção centralizadora que o marcou somada à falta de prioridade para as políticas sociais, deixaram o setor de saúde abandonado à própria sorte.

A retomada do processo democrático reacendeu a antiga idéia da municipalização e dos serviços integrados. Com planejamento e orçamentos integrados, viabiliza-se a articulação das ações preventivas e curativas, a hierarquização dos atendimentos primário, secundário e terciário e a racionalização e gestão unificada.

No início dos anos 80, surgiu como estratégia para toda uma reforma de sistema: as Ações Integradas de Saúde (AIS), baseada em convênios entre instituições públicas. A necessidade de reconceitualizar as AIS em outra perspectiva qualitativa, que transcendesse sua proposta como instrumento de racionalização ou de transferência e integração de recursos, norteou as discussões da VIII CNS. Nela, chegou-se a uma concepção teórica e operativa das AIS, que in-



em debate o futuro do SUS

duziria a uma unificação com descentralização, buscando um novo entendimento estrutural da Federação em três níveis.

Por iniciativa da União, em 1987 foram criados os Sistemas Unificados e Descentralizados de Saúde (SUDS) nos Estados. Eles eram baseados, ainda, no modelo de convênios e em fortes ranços de centralização de poder financeiro no setor. Tendo em vista as resistências e indefinições institucionais, pouco se avançou no cenário de descentralização das ações de saúde (estadualização, municipalização e distritalização).

Com a Constituição de 88, a descentralização bem como a garantia de direito do cidadão e dever do Estado com a Saúde tornou-se lei. Agora, firmado em lei orgânica, o novo sistema (SUS) apresenta definição clara, principalmente quanto ao repasse de recursos - regulares e automáticos - no sistema de financiamento e no controle social deles.

Atualmente, o mínimo que se pode dizer é que o quadro no setor

é preocupante. Profissionais de saúde e usuários sabem que o SUS é o ideal e que a municipalização é o caminho que permite o planejamento e o controle das Ações de Saúde em suas peculiaridades locais. Entretanto, mesmo havendo todas as condições para que o princípio segundo o qual a saúde é um direito de todos, esbarra-se em interesses contrários e resistências nos três níveis de governo. As resistências podem ser assim enumeradas: falta de conscientização de que o controle social (Conselho de Saúde) é indispensável e a vigência de um pacto perverso e antigo de um governo que finge que paga e um profissional que finge que trabalha.

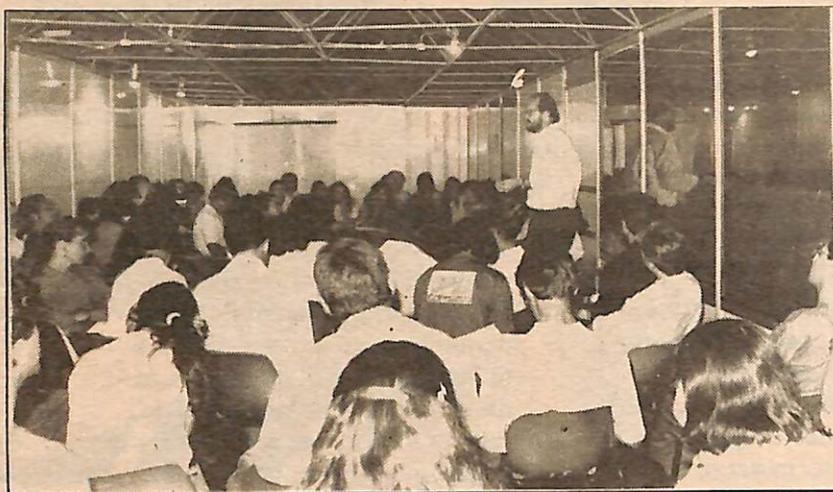
Reverter esse quadro só será possível com a participação de todos, pois nenhuma dificuldade na implantação do SUS deve servir de pretexto para a manutenção do sistema centralizador. Psicólogos, profissionais e cidadãos não podem ficar ausentes da luta de um direito previsto na Constituição para todo o povo brasileiro.



SUS é o caminho para a mudança que precisa começar



Uma radiografia do Estado na Conferência Mineira



"Saúde Mental e Cidadania" foi dos debates mais concorridos

II Conferência Estadual reúne 2.500 delegados

Dois mil e quinhentos delegados, representando os 723 municípios mineiros, participaram da II Conferência Estadual de Saúde que aconteceu de 28 a 31 de outubro, no Mineirinho. A Conferência que teve como tema central "saúde: Municipalização é o Caminho" contou com a presença dos trabalhadores de saúde, representantes de instituições públicas, privadas e filantrópicas, no âmbito municipal, estadual e federal.

Os trabalhos foram presididos pelo secretário estadual de Saúde, José Saraiva Felipe que defendeu a importância da municipalização dos serviços de saúde, com a gerência deles sendo feita pelas prefeituras

municipais. "O prefeito é a liderança mais próxima da população. Cabe ao governo incentivar a municipalização e, principalmente, garantir recursos para esse processo, já em curso em Minas Gerais", afirmou.

Em Minas, enfatizou José Saraiva Felipe, 152 municípios já assinaram convênios assumindo a rede básica. Ele reivindicou do governo federal, no entanto, a manutenção regular de repasses e recursos para o Estado e municípios. Tanto o secretário de Saúde quanto o presidente do Comitê Executivo da II Conferência Estadual de Saúde, Francisco Machado reforçaram a necessidade da criação de Conselhos Municipais.

O vice-governador de Minas, Arlindo Porto, que representou o governador Hélio Garcia na II Conferência, adiantou que a saúde e a educação terão especial atenção da atual administração no próximo ano.

Além das sessões plenárias, a conferência foi marcada por diversos debates e mesas-redondas, entre elas a sobre "Saúde Mental e Cidadania", da qual participou como expositora a psicóloga Bianca Guimarães Veloso Carneiro. Ela falou sobre o trabalho que a Prefeitura de Belo Horizonte está realizando na área de atendimento à saúde mental.

Você já pensou em estudar no exterior?

Congressos, encontros, palestras, seminários, debates e até cursos no exterior. As opções para esse final de ano e início de 1992 são as mais variadas. Confira aqui.

EVENTOS

1º Evento Acadêmico Profissional:

Dia 30 de novembro, no auditório das Faculdades Metodistas Integradas Izabela Hendrix. Rua da Bahia, 2020, BH-MG. Informações (031) 344-0977. O evento terá como tema "Diagnóstico Diferencial do Atraso no Desenvolvimento". Dele vão participar José Salomão Scharfman, Vera Baião, Cecília Spínola Lamônica, Helenice Soares de Lacerda, Marcos José Burle de Aguiar, Salete Beatriz da Silva, Nivânia Maria Reis Crispin, Jane Regina Silva Santos, Maria Elisa de Paula Goulart, Cláudia Cheyne Prates e Mônica Barcelos Gomes. Do programa constará os seguintes temas: aspectos neuropsiquiátricos, aspecto fonoaudiológicos, aspecto terapêutico-ocupacional e abordagem interdisciplinar do atraso no desenvolvimento.

Psicomotricidade:

Formação Ramain - Novo Grupo. Vivência de Seleção. Local: Hotel Boulevard. Avenida Getúlio Vargas, 1640. Savassi, BH, MG. Exigência: ser universitário ou estudante (quatro últimos períodos) de Psicologia, Pedagogia, Fonoaudiologia ou Terapia Ocupacional. Inscrições e informações pelos fones: (031) 375-7764 e 375-7369.

ENCONTROS

II Encontro Nacional de Psicologia do Trabalho:

O encontro terá como tema "O Trabalho na Constituição do Sujeito". Ele acontecerá de 28 de novembro a 1º de dezembro, em Grado, no Rio Grande do Sul. As atividades inclui-

rão mesas-redondas e oficinas sobre temas como "Mulher e Trabalho: Desvelando o Cotidiano"; "Trabalho, Recessão e Cidadania"; "Inovação Tecnológica e Organização no Trabalho"; "A Arte de Trabalhar com Arte" e "O Trabalho na Constituição do Sujeito". Estão previstos, igualmente, mostras fotográficas e lançamento do livro "Elogio à Diferença", de Rosiska Darcy de Oliveira. A promoção é do Conselho Regional de Psicologia - 7ª Região. Informações e inscrições pelos fones (0512) 30-3458 e 35-1838.

CURSOS

Pós-graduação:

As inscrições para os exames de seleção aos cursos de pós-graduação nas universidades federais no Brasil acontecem, normalmente, nos meses de setembro e outubro. Esse ano, devido à greve dos professores e funcionários dessas instituições, as datas foram alteradas. Com isso, esses exames devem acontecer nos primeiros meses de 1992. Na medida em que cada instituição elaborou um calendário próprio, os interessados devem procurar se informar diretamente na secretaria da instituição de seu interesse. Os interessados podem procurar, igualmente, as faculdades ou departamentos onde os funcionários da secretaria lhe fornecerão não só as datas dos exames como a relação dos temas e bibliografia. É muito importante que os interessados numa pós-graduação procurem conhecer as linhas de pesquisa desenvolvidas em cada instituição e travem contato com professores e futuros orientadores de seus trabalhos.

Psicologia no México:

O Centro de Cursos Brasil-Exterior (CCBE) oferece para psicólogos, um curso no México, em janeiro de 1992. Ele acontecerá de 17 de janeiro a 02 de fevereiro, na Universidade Autónoma de Guadalajara, na cidade de Guadalajara, México. O curso

abordará as seguintes áreas: Psicologia do trabalho, Psicoterapia e Práticas. Inscrições podem ser feitas até 27/12. Maiores informações no CCBE - Rua do Bispo, 93 ou Rua Vinícius de Moraes, 120, Rio de Janeiro (RJ) ou pelos fones: (021) 293-3112, 293-0597 e 521-1348.

OUTROS CURSOS

O CCBE oferece, para quem pretende fazer um curso de atualização nas mais diversas áreas fora do Brasil, uma ampla programação para os meses de janeiro e fevereiro de 1992. São esses os cursos:

Estados Unidos

- International Business (University of Miami) - 03 a 17 de janeiro de 92.

Argentina

- Ecologia na terra do Fogo (Conselho Nacional de Tecnologia) - 11 a 19 de janeiro de 92.
- Comércio Exterior (Universidad Argentina de La Empresa) - 11 a 19 de janeiro de 92.
- Gerência Empresarial (Universidad Argentina de La Empresa) - de 11 a 19 de janeiro de 92.

Peru

- História (Arqueologia) - Universidad Católica del Peru - de 02 a 09 de fevereiro de 92.

Cuba

- Meios de Comunicação (Universidad de La Habana) - de 11 a 24 de janeiro de 92.
- Educação (Universidad de La Habana) - de 11 a 24 de janeiro de 92.
- Educação Física (Universidad de La Habana) - de 18 a 31 de janeiro de 92.
- Economia (Universidad de La Habana) - de 08 a 21 de fevereiro de 92.

México

- Turismo (Universidad Autónoma de Guadalajara) - de 17 de janeiro a 02 de fevereiro de 92.

- Hotelaria (Universidad Autónoma de Guadalajara) de 17 de janeiro a 02 de fevereiro de 92.

- Economia e Administração (Universidad Autónoma de Guadalajara) - de 17 de janeiro a 02 de fevereiro de 92.

- História (Antropologia) - Universidad Autónoma de Guadalajara - de 17 de janeiro a 02 de fevereiro de 92.

Bermuda

- Ciência Marinha (Bermuda Biological Station for Research) - de 09 a 17 de fevereiro de 92.

Belo Horizonte :

O Psichólon está oferecendo uma ampla programação de cursos para o mês de novembro e princípio de dezembro. São eles: Intensivo de Pfister - ministrado por Luciana Andréa Schiavon. Laboratório de Psicanálise - ministrado por Marta Ebert Fontes. Consciência e Alongamento Corporal e Exercício de Bioenergética - ministrado por Augusta Regina Guedes. Intensivo de Psicomotricidade - ministrado por Eliane Cardoso Resende. O Psichólon fica na Avenida Olegário Maciel, 1177. Maiores informações e inscrições pelo fone (031) 337-9175.

PALESTRAS

Patologia do Self:

Ministrada pelo médico, psiquiatra e psicanalista uruguaio Hector Garbarino. Os temas e horários são: dia 21/11, às 19h30m - "Lincamentos Gerais da Teoria do Self" e dia 22/11 às 9 horas - "O Atismo Infantil e o Ego-Self" e às 19h30m "O Adolescente Borderline". As palestras são promovidas pelo Grupo de Estdo e Pesquisa "Ilda Moreno de Taubenschlag". O endereço é Av. Bandeirantes, 1948. Mangabeiras, BH, MG. Maiores informações e inscrições podem ser feitas pelo tel (031) 221-5657.



Psicologia Educacional: encontro suplantou todas as expectativas

Com a presença de diversos profissionais ligados à área de educação realizou-se nos dias 19, 20 e 21 de setembro, nas dependências da Fundação de Ensino de Contagem (Funec) o 4º Encontro de Psicologia Educacional do CRP-04 e o 1º Encontro Municipal de Psicologia Educacional de Contagem.

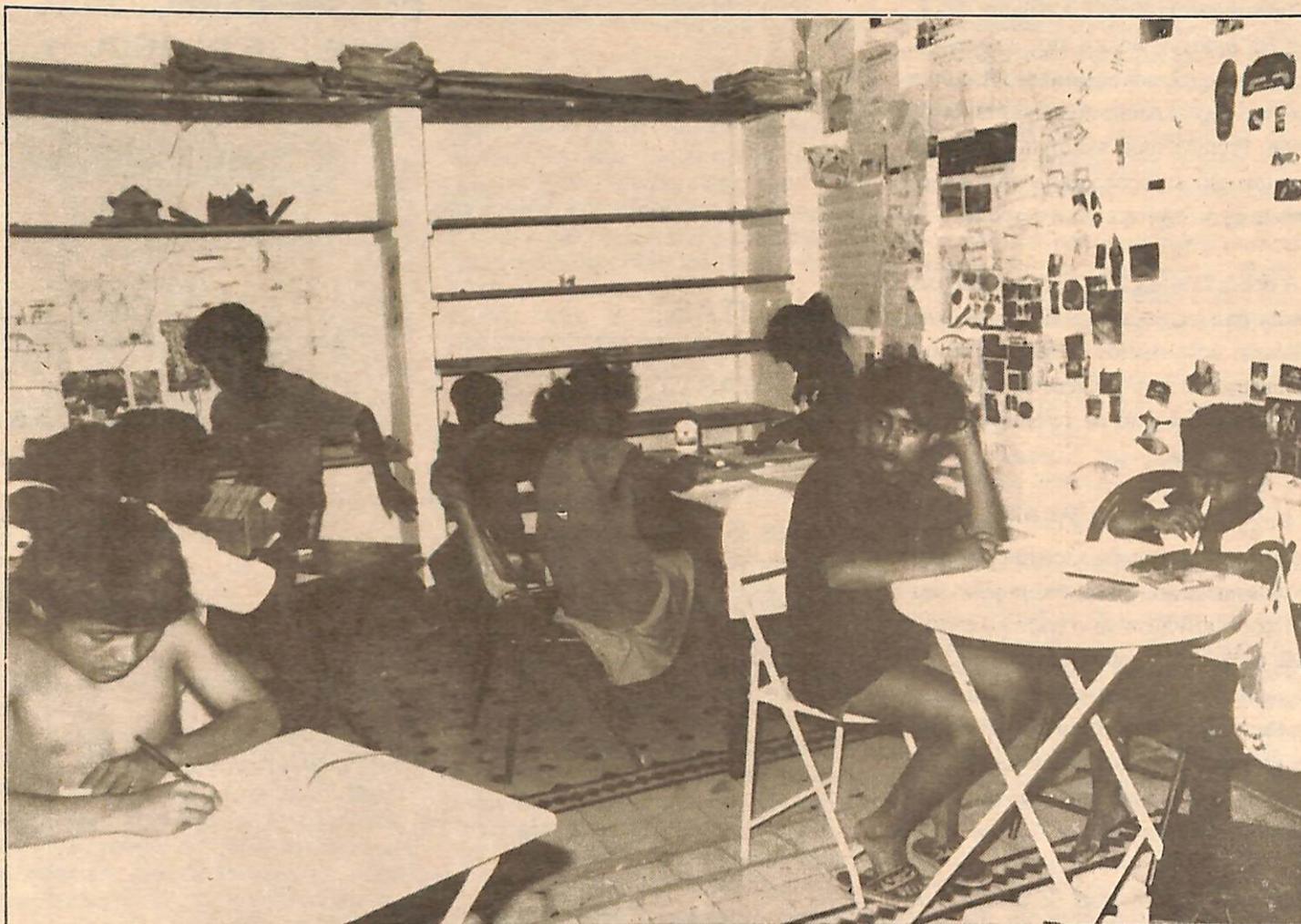
O apoio dado pela Funec possibilitou à Comissão de Psicologia Educacional do CRP-04 reestruturar este encontro de forma diferente em relação aos anos anteriores. Essa reestruturação veio contemplar uma antiga reivindicação dos participantes: foram oferecidas além de palestras, cursos que abrangeram os mais diversos temas ligados à educação, a exemplo de "Vivências Lúdicas, A Arte de Brincar", "Abordagem Construtivista", "Grupo Operativo na Instituição Educacional", "Distúrbios da Aprendizagem e a Função do Psicólogo Educacional", "Super-Dotado Diagnóstico e Encaminhamento Dentro e Fora da Escola", "Educação e Trabalho" e "Escola e Família - Um Sistema".

Descentralização

Através de avaliações feitas pelos inscritos e pelos professores ficou constatado que o encontro deste ano suplantou todas as expectativas. Fato que motiva os seus organizadores a darem continuidade ao seu trabalho destinado à inserção do psicólogo educacional no mercado de trabalho, ao intercâmbio de informações entre os profissionais das diversas áreas ligadas à educação e à plena efetivação de um trabalho interdisciplinar.

Foi extremamente satisfatório para os organizadores deste encontro constatarem que nele estiveram presentes tanto profissionais de Belo Horizonte e interior do Estado, como também da Bahia, Espírito Santo e São Paulo. Fato que vem demonstrar que o objetivo de descentralizar o trabalho - uma das metas dos organizadores do evento - vem sendo, aos poucos, alcançado".

Os integrantes da Comissão de Psicologia Educacional do CRP-04 fazem questão de registrar seus agradecimentos a todos que apoiaram o evento (Conselho Regional de Psicologia, Sindicato dos Psicólogos de Minas Gerais, Departamento de Psicologia da UFMG e Fundação de Ensino de Contagem). Agradecimentos que se estendem "aqueles que, atendendo prontamente o convite feito por nós, ministraram cursos e palestras sem nenhuma remuneração e, igualmente, aos funcionários do CRP-04 e da Funec que colaboraram de forma incansável".



Informação

Os encontros de Psicologia Educacional resumem as atividades anuais da Comissão. Razão pela qual vale a pena salientar que os dados da Pesquisa "Perfil do Psicólogo Educacional em Belo Horizonte", desenvolvida pela Comissão e pela UFMG indicam que eles se constituem num dos poucos espaços de informação, debate e intercâmbio dos psicólogos educacionais. E o sucesso deles é a recompensa de toda uma pequena equipe que nada recebe em termos de dinheiro, mas que existe, atua, discute e convida a todos os interessados na área de educação a ela se integrar.

Essas pessoas entendem que só assim o trabalho que realizam - que se dirige ao aperfeiçoamento não só do psicólogo educacional mas de todos aqueles que se dedicam à educação - terá valor em sua continuidade.

As reuniões da Comissão de Psicologia Educacional acontecem todas as terças-feiras, de 9h às 11h, na sede do Conselho Regional de Psicologia (Rua Tomé de Souza, 860 - 10º andar).

Comissão divulga debates

"Psicólogo Escolar: Identidade e Perspectivas". Esse foi o tema do I Congresso Nacional de Psicologia Escolar realizado de 28 de outubro a 1º de novembro em Valinhos (SP). Participaram dele três membros da Comissão de Psicologia Educacional do CRP-04 que vão divulgar para os integrantes da comissão e demais profissionais interessados os temas lá discutidos.

A primeira reunião de divulgação e debate aconteceu no dia 12. A próxima será dia 19, das 9h às 11h, na sede do CRP. Agindo assim, a Comissão de Psicologia Educacional está colocando em prática um de seus objetivos: a participação e divulgação dos encontros, cursos e debates na área aos quais tenha oportunidade de estar presente.

A escola é o espaço para a busca de um trabalho interdisciplinar

Estes são os integrantes da Comissão de Psicologia Educacional:

Lúcia Helena Macedo (presidente),
Geralda Eustáquia Ferreira,
Heloísa Amaral,
Kaciêda Silva de Assis,
Maria do Carmo Mendes,
Marla Cristina Fellet Guimarães,
Sebastião Rogério Goes Moreira
e Zulma Canuto.

Acompanhe as nossas receitas e despesas

Transparência. Essa é a palavra de ordem em todos os nossos atos e decisões. Razão pela qual cada número do JP sempre traz uma página com a nossa prestação de contas. Pretendemos, assim, que todos os inscritos não só conheçam como acompanhem as nossas receitas e despesas.

A delicada situação econômica do país nos obriga a ser, cada vez mais, criativos na utilização dos recursos de que dispomos, administrando com eficiência, cautela e buscando o máximo de retorno para os nossos inscritos.

Até o final do ano, o CRP-4ª Região vai adquirir novos aparelhos telefônicos para substituir os atuais que estão em péssimas condições, dificultando o trabalho e onerando as contas. Da mesma forma, o CRP vai adquirir uma linha telefônica para repor a que teve de ser vendida no ano passado, a fim de fazer face ao pagamento de funcionários. Será adquirido, também, um armário-fichário.

No mês passado, dois de nossos funcionários - Gustavo e Luíz - pediram demissão. Eles foram substituídos por Ailton e Max.

FÉRIAS COLETIVAS

A partir do dia 20 de dezembro e até 20 de janeiro, os funcionários da CRP - 4ª Região vão estar em férias coletivas. Mesmo assim, visando garantir atendimento aos associados, estará funcionando um plantão diário de 12:30 h as 18:30 h a cargo dos funcionários Suely Periard e Washington Augusto Demicheli. Os escritórios setoriais não funcionarão neste período.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA 4ª REGIÃO

SETEMBRO / 91

RECEITAS

RECEITAS CORRENTES

	PARCIAL	TOTAL
Receita de Contribuinte	67.656.384,52	
Receita Patrimonial	28.672.281,55	
Receita de Serviços	2.446.181,45	
Transf. Correntes	9.323.273,67	
Outras Receitas Correntes	1.681.085,52	
Receitas de Capital	50.000,00	109.829.206,71

MUTAÇÕES PATRIMONIAIS

Aquisição de bens móveis	849.500,00	110.678.706,71
--------------------------------	------------	-----------------------

DESPESAS

DESPESAS CORRENTES

Pessoal	14.002.406,77	
Obrigações patronais	2.763.794,46	
Material de Consumo	656.888,84	
Remuneração de Serviços Pessoais	1.087.690,23	
Outros Serviços de Encargos	20.448.158,79	

TRANSF. CORRENTES

Transf. Operacionais	24.448.158,34	
Contribuições para formação do Patrimônio do Servidor Público	513.167,76	64.635.345,18

DESPESAS DE CAPITAL

Equipamentos e Material Permanente	849.500,00	
------------------------------------------	------------	--

SUPERÁVIT		46.043.361,53
------------------------	--	----------------------

110.678.706,71

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Um fenômeno social chamado toxicomania

Ana Heloisa Senra *

*Psicanalista, membro do Canto Freudiano e integrante da equipe do Centro Mineiro de Toxicomania

Temos acompanhado em nossos dias um aumento gradativo do uso de drogas velado por um suposto "controle" ou "saber" sobre seu consumo. Contudo, esse "saber", sob o alibi de "apenas uma-a-mais" tem fracassado, sempre deixando um a menos. É com muita frequência que temos nos apercebido disso, nas mortes que, precipitadamente, se impõem.

Não fosse a dimensão que esta problemática adquiriu no meio social, continuaríamos a encontrar o sujeito e seu "problema" confinados ao grupo familiar que, com sofrimento, conflitos e silêncios, suportou-a durante anos a fio, como nos conta a vasta produção literária e artística das décadas passadas.

Hoje, a toxicomania é um fenômeno social que obriga profissionais, sob várias perspectivas, a se deterem no assunto. Temos, por exemplo: a perspectiva sociológica que busca localizar a função da droga nas organizações sociais. Esta, inclui a estatística, coadjuvante da economia, que considera quantitativamente o consumo de um ou outro tipo de droga; e a perspectiva químico-farmacológica onde, a partir da decomposição de cada droga, estima-se seus efeitos a nível do organismo.

É comum a essas abordagens o enfoque da droga enquanto causadora destes infelizes resultados.

A partir daí poderíamos pressupor que a cura restringiria à eliminação do produto que ocasionaria a interrupção de seu consumo. É dessa maneira que se orientam as campanhas tradicionais de prevenção. Contudo, há uma insistência e um apego às drogas que permanece, apontando a falta de êxito desta direção. Observamos que se retira as anfetaminas do mercado, são descobertos os hipnóticos, os analgésicos e, até mesmo, inventados outros.

Constatamos daí que a droga mesma não leva à toxicomania. Um exemplo disso é o xarope que, vendido nas farmácias, é usado por uns com objetivo de cura e, por outro, para intoxicação. Deste modo, impõem-se como fundamental a escuta de cada caso particular pois, a realidade da droga está estreitamente ligada à percepção que cada indivíduo tem dela. Ora, a droga está aí na cultura, e sempre esteve.

Desde os primórdios da civilização humana ela se faz presente, seja nos rituais, festas, encontros ou desencontros. Ela é tão constatável que podemos considerá-la como o método mais grosseiros, mais eficaz, embora, também, o mais perigoso e poderoso método para se lidar com as durezas da realidade humana.

O homem, enquanto o único animal que fala, está fadado, desde seu nascimento, a uma dependência do outro, que o deixará para sempre marcado; o que lhe falta vem sempre equivocadamente nomeado a tal ponto que, na vida, nada lhe restará, senão conviver com esse mal-entendido que comporta sua relação com o outro. Entretanto, sabemos que suportá-lo não é tarefa fácil e vemos os sentimentos de culpa e ódio que perpassam o mal-estar na civilização. É aqui que a droga tem lugar; é nessa articulação do homem com a cultura que ela se materializa no corpo. E é por esta articulação do indivíduo com a cultura que ela aqui terá destaque. Em nosso século o poder sobre a matéria e a evolução das idéias exigiu das pessoas muito arrojamento, experimentação de coisas novas, derrubada de costumes e tradições. Tudo por uma vontade de ser feliz.

"Todavia, o uso intenso da droga acarreta um afastamento cada vez maior daquela almejada felicidade. É o corpo que fala mais alto, adoecendo e se deteriorando. O sujeito parece encarnar em seu corpo todo o mal-estar da cultura" (1). As palavras passam a ser poucas. O sujeito é puro ato, vive para "horrorizar" a família, os vizinhos, o médico, o terapeuta etc. Ele se mata aos poucos; em uma posição masoquista, ele inflige um mal ao próprio corpo e repete, repete cada vez mais.

Sendo assim, lidar com a droga como se ela fosse um inevitável cancro da sociedade ou pressupor com certeza seus efeitos químicos, é acreditar que não há nada a fazer.

Há que considerarmos que essa turbulência evidencia a relação particular que o sujeito estabelece com a droga. Ao mesmo tempo em que parece saber tudo sobre ela, não tem nenhuma questão sobre si mesmo. É por isso que a possibilidade de um tratamento está na escuta do que o sujeito tem a dizer.

Sabemos que a pulsão de morte, "como uma força demoníaca", traça seu caminho muda e silenciosa, exigindo satisfação, em meio aos seus rastros de destruição.

Com a droga, o sujeito testemunha a pulsão de morte e, sob a égide do supereu, permanece fixado numa posição submissa a um gozo do qual ele sempre quer mais. É isso que repete. É a sua resposta, nessa posição masoquista, ao imperativo categórico do supereu, na ganância de um prazer de outra índole.

O masoquismo que fundamenta essa toxicomania dificulta o tratamento, mas não o impossibilita. Afinal, o masoquismo, inerente ao homem, é também reflexo negro em tempos collor.

1 - Uma Possibilidade de Tratamento das Toxicomanias - Maria Inês Lodi e Ana Heloisa Senra



Um centro para pesquisa e prevenção

Há um momento em que o recurso da droga traz algum tipo de problema ao indivíduo. É esse "fracasso" que o traz para o tratamento. É uma questão ou um enigma ("por que minha namorada me abandonou?" ou "Como cheguei ao ponto de ser pego pela polícia" ou "Será que não acontecerá com a overdose que matou meu amigo?") para a qual ele não tem resposta, que pode levá-lo a fazer um laço com o saber do analista.

O Centro Mineiro de Toxicomania se dispõe ao tratamento, pesquisa, ensino e prevenção. Quanto ao tratamento, oferece o ambulatório e o Hospital-Dia. Um analista recebe aquele que procura ajuda, seja quem usa droga, sejam os pais, amigos, professores; enfim, a partir de entrevistas individuais se decide como será o tratamento e quem o fará. Para o Hospital-Dia, nem todos são indicados, podendo continuar com o analista em sessões e serem combinadas em cada caso.

O Hospital-Dia funciona de 9 às 17 horas diariamente contando com o acompanhamento de plantonistas (técnicos, estagiários e atendentes de enfermagem). Valendo-se da infra-estrutura adequada, que inclui uma arquitetura planejada, os pacientes podem optar pelos módulos de atividades como esportes, vídeo, teatro, jornal, painel, jogos, mural, arte, artesanato e argila.

A liberdade dos analistas para utilização desse espaço é também uma tática frente às variadas perturbações da demanda que se colocam, muitas vezes, em primeiro momento. Assim, pretende-se que a permanência no Hospital-Dia seja breve, a fim

de que o sujeito possa implicar e desejar o tratamento.

Nas áreas de Pesquisa, Ensino e Prevenção, além do desenvolvimento de projetos de pesquisas, o CMT oferece estágios (atualmente para as áreas de psicologia, medicina e psiquiatria), palestras em escolas, hospitais, centros de saúde, etc e promove, anualmente, jornadas de trabalhos para interlocuções teóricas. A jornada desse ano "A Clínica da Toxicomania na Saúde Pública: compulsão e ato e Hospital-Dia" aconteceu de 24 a 26 de outubro.

O Centro Mineiro de Toxicomania é uma unidade da Fundação Hospitalar de Minas Gerais (Fhemig). É reconhecido pelo Conselho Federal de Entorpecentes (Confen) como uma de suas seis unidades de referência do país. Ele se situa à Alameda Ezequiel Dias, 365. Consultas podem ser marcadas pelo fone: 212-2588, ramal 312. O Centro atende profissionais de saúde, escolas e empresas que se interessem em manter interlocução com a equipe.



O caminho é escutar, diz Ana

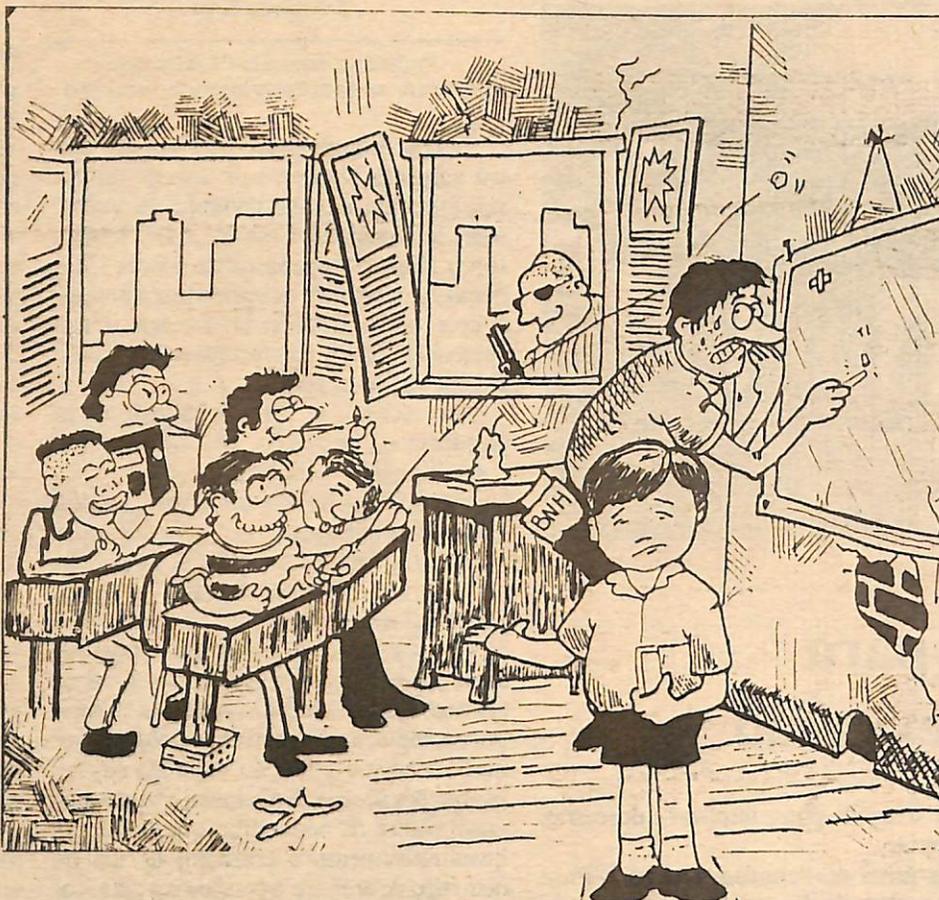
Escola Pública: um retrato sem retoques

“Que Escola é Esta?” A pergunta, que também dá título ao livro de Nardeli da Conceição Silva, não tem tido, por parte das autoridades, uma resposta condizente com sua importância na sociedade. Caso contrário, como explicar a situação caótica em que se encontra o ensino público em Minas e no Brasil?

Fazer um retrato sem retoques da escola pública foi o objetivo de Nardeli nesse livro que, numa linguagem simples e fácil mostra o dia-a-dia de milhares de professores, as carências que enfrentam - seja de salários, de material didático e até de estímulo.

A linguagem simples e direta de “Que Escola é Essa?” se soma sua extrema atualidade. Professora em escola pública de Minas Gerais há mais de 17 anos, Nardeli mostra como as greves de professores, tanto hoje quanto no passado - a exemplo dos governos Francelino Pereira, Newton Cardoso e Hélio Garcia - foram e continuam sendo tratadas de forma autoritária e prepotente: jatos d'água e cassetetes.

Engana-se quem imaginar que a conclusão da autora seja pessimista. Nardeli Silva aposta e trabalha em prol da mudança, conclamando pais de alunos, alunos e toda a sociedade a lutar por uma escola pública de melhor qualidade. Pois, como ela mesmo diz, a pior coisa é a gente se arrepender do que não fez”.



Em busca de parâmetros de qualidade

“Psyché - Quatro Abordagens em Psicoterapia” é o título do livro publicado pelo Conselho Regional de Psicologia - 6ª Região, em conjunto com a Secretaria Municipal da Cultura de São Paulo. Ele é o desdobramento de um ciclo de palestras realizadas em agosto de 1990, no Centro Cultural São Paulo e que reuniu cerca de 600 pessoas.

O livro reúne as palestras de Antônio Sapienza, analista-didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise; de Nairo de Souza Vargas, membro-fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica e de Jorge Forbes, psicanalista, diretor da Biblioteca Freudiana Brasileira. Procurou-se preservar, na medida do possível, a forma de apresentação e a linguagem informal que caracterizou o evento. Ele destina-se ao público usuário ou possivelmente usuário de serviços de psicoterapia, para que tenham parâmetros de qualidade e possam exigí-la dos profissionais que venham procurar.

Os interessados podem adquirir seu volume de Psyché diretamente junto ao CRP-06 - rua Borges Lagoa, 74 - São Paulo (SP). Fone: (011) 549-9799.

LIVRARIA
INSIGHT

SABER QUE ILUMINA
ESPECIALIZADA EM PSICOLOGIA
MAIS PERTO DE VOCÊ

OBRAS EM PROMOÇÃO:

- Freud - Obras completas
- Vocabulário da Psicanálise
- Manuais de Psiquiatria Henry Ey e Ajuriaguera

Av. Olegário Maciel 1.177 Tel (031) 337 9175
CEP 30180 Belo Horizonte MG
(Junto ao PSICOHON)

Atendimento também pelo Reembolso
Aberto de 8 às 22:00 h
ENTREGAMOS À DOMICÍLIO

DISQUE - FREUD

(031) 227 5653 E 227 7466 R/20

NOSSA PROMOÇÃO

	PORTUGUÊS	CASTELHANO	ESPAÑHOL
	24 Vol.	25 Vol.	3 Vol.
	Ed. Imago	Trad. alemão	Trad. alemão
A vista	178.000,00	sob consulta	sob consulta
2 vezes	105.000,00	sob consulta	sob consulta
3 vezes	82.000,00	sob consulta	sob consulta
4 vezes	72.000,00	sob consulta	sob consulta

Obras Completas
Nova Edição
Garantia
Nota Fiscal

Preço das livrarias
Cr\$ 312.000,00

De 2ª a 6ª feira, de 8 às 19 h, entrega a domicílio. Atendemos outros estados.

JORNAL DO PSICÓLOGO
R. Tomé de Souza, 860 10º andar
CEP 30130 Belo Horizonte MG

IMPRESSO

PORTE PAGO
DR/MG
ISR-73-166/84